

# A LICENA PEDE LICENÇA, PRESENÇA



Informativo do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFV Edição VI Viçosa (MG) - 04 de agosto de 2020



No alto, EFA Serra do Brigadeiro (Ervália - MG) Foto: Geraldo Oliveira  
Embaixo, EFA Agrícola Margarida Alves (Simonésia - MG) Foto: Raiane Machado

## DESAFIOS E ESTRATÉGIAS DAS ESCOLAS DO CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA



Élida Miranda, Fernanda Andrade e Tatiana Barrella

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo (Licena) foi implementado na UFV, em 2014. Neste período, recebeu 603 estudantes oriundos do campo e da cidade de diversas regiões do país e formou 179 educadores habilitados em Ciências da Natureza para atuarem nos anos finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio e na gestão de processos educativos escolares e comunitários. Esta edição do Jornal foi construída com a participação de dez egressos da Licena das turmas 2014, 2015 e 2016, que no momento atuam em Escolas do Campo como educadores, gestores, coordenadores pedagógicos, coordenadores de projetos interdisciplinares ou de projetos na Educação de Jovens e Adultos. Em seus relatos, os educadores fizeram

referência à formação vivenciada na Licena e à experiência docente nas escolas do campo: “Na Licena tive a oportunidade de adquirir muitos conhecimentos e práticas pedagógicas que ajudaram muito na elaboração do próprio planejamento de cada monitor. Procuro trabalhar todos os conceitos voltados para a realidade do campo para que este conhecimento não se prenda somente na sala de aula e os estudantes possam enxergar estes conhecimentos na sua comunidade/cidade, ou seja, que tenham gosto pelo que fazem, e que tentem identificar aquilo que aprendem na sala de aula dentro do próprio dia a dia, daí vão ter gosto pelo que estão fazendo. Procuramos sempre fazer este trabalho, deslocar até as comunidades

dos estudantes, voltar e fazer o planejamento em cima da realidade que eles vivem” (Geraldo Tiago de Oliveira atua como monitor de Matemática e na gestão administrativa junto com a Associação da Escola Família Agrícola - EFA Serra do Brigadeiro, Ervália/MG).

“A Educação do Campo tem um papel muito importante na vida dos estudantes e de suas famílias. A EFA não forma somente um estudante no Ensino Médio, mas também um ser humano que respeita o próximo e a natureza” (Mariana Moreira de Souza, monitora de Gestão Ambiental e Política para a Agricultura Familiar, Sociologia e coordenadora de estágios da Escola Família Agrícola Margarida Alves, Simonésia/MG).

“Minha experiência como educadora está na relevância da renovação do processo de ensino com metodologias ativas. O meu papel é chamar a atenção das comunidades rurais e urbanas para a educação que realmente deve ser concedida na instituição e especialmente enfatizar como instrumento de luta a resistência por transformação social e democracia” (*Laís Souza Santos, educadora de Física, na Escola Estadual de Jordânia/MG*).

Em março de 2020, por conta da pandemia da Covid-19, houve a necessidade de medidas de distanciamento social, as escolas tiveram suas atividades presenciais suspensas e, no campo, essa medida teve grande impacto. A partir do Parecer CNE/CEB nº5 de 24 de abril de 2020 e da Resolução CEE/MG nº474 de 08 de maio de 2020, que dispõem sobre a reorganização do calendário escolar e cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, novos desafios foram impostos ao trabalho docente, famílias e estudantes com relação ao ensino remoto e a falta de acesso às novas tecnologias.

Para os educadores e egressos da Licença, a pandemia expôs de forma escancarada as desigualdades sociais e a não efetivação de políticas públicas essenciais às populações do campo. Fica marcado o descaso e o descompromisso do Estado com as populações camponesas e escolas do campo, quando propõe ferramentas de ensino remoto e não reconhece as necessidades e

as reais condições dos alunos, a maioria não tem acesso à internet e nem condições estruturais para acompanharem o ensino remoto via tecnologias digitais.

“A pandemia tem dificultado justamente esses diálogos, essas trocas, porque a gente não tem contato com os nossos estudantes, nem pela internet, pois são poucos os estudantes que têm acesso à internet. Às vezes, converso com um, tiro uma dúvida de outro pelo WhatsApp, mas não é constante, não é todos os dias, nem todos eles têm acesso à internet e, mesmo se tivessem, a gente ficaria muito limitado às mídias e redes sociais” (*Ruthy Maria Rodrigues Macedo, professora de Física na Escola Estadual José de Assis Pinto, na comunidade da Capivara, município de São Miguel do Anta/MG*).

Em função da Pandemia, os estudantes da educação básica têm se sentido confusos e perdidos neste momento. Eli Perpétuo Duarte Ferreira (monitora de História) e Maria Rosânia Lopes Duarte (diretora) da EFA Puris, comunidade Novo Horizonte, Araponga/MG, relataram que quando constatada a real necessidade de distanciamento social, a comunidade escolar não tinha dimensão do que poderia acontecer em relação à vida e à escola. “Os estudantes ficaram impactados, pois, como disseram, uma coisa é sair da escola para ir para casa, outra coisa é sair da escola sem previsão de voltar e porque há uma ameaça à vida”. A Pandemia alterou a dinâmica

da escola e consequentemente das famílias e dos estudantes.

“Cada dia, foram tendo mudanças na dinâmica da escola na nossa vida profissional e pessoal. Também no ensino e no aprendizado dos alunos. (...) 40% dos meus alunos eu não consegui comunicar. Mando mensagem no WhatsApp, uns nem recebem e outros não visualizam. É complicado porque nós professores não sabemos se os alunos estão fazendo” (*Aline Fernanda Santos Silva, educadora de Física da Escola Anexa João Ozório de Queiroz, Pedregulho, Bocaiúva/MG*).

Outra dificuldade revelada pela educadora Aline é sobre as aulas remotas da SEE/MG, transmitidas pela Rede Minas, no Programa Se Liga Educação e no acompanhamento dos estudantes:

“Na semana passada explicou o conteúdo das semanas 3 e 4 em 20 minutos sobre lentes, formação de imagens. Neste tempo é bastante complicado para o aluno. E por mais que enviemos conteúdos complementares essas aulas estão sendo bastante superficiais e alguns alunos também não acessam estas aulas. Eles já me falaram. Inclusive porque as aulas são no horário de trabalho deles e outros porque não tem acesso à rede de



Escola Família Agrícola de Camões  
(Sem-Peixe - MG) Fonte:  
Osías Antônio Lopes Bento





Escola Municipal Assentamento Zumbi dos Palmares (São Matheus - ES)  
Foto: Arquivo da escola

transmissão. Os estudantes não estão conseguindo articular este tipo de ensino com seu trabalho. Fico pensando na importância do papel social da escola. Vai além de ensinar conteúdo. Principalmente neste período, precisamos ensinar o aluno a não desistir dos estudos, ensinar sobre a importância dos estudos, a importância de lutar e enfrentar este momento, que não está sendo fácil” (Aline).

“A família neste momento de certa forma não está conseguindo acompanhar o estudante, o educador está acompanhando isto a distância e a gente está tendo uma certa dificuldade” (Osías Antônio Lopes Bento, monitor de Biologia, Ciências e da área técnica: Zootecnia, Agricultura e Criações na Escola Família Agrícola de Camões, MG).

“Está sendo uma experiência difícil, porque é novo e as famílias não estão acostumadas a lidar diretamente com as tecnologias direcionadas diretamente e a obrigatoriedade de estar com os alunos. Temos muito relatos dos pais que estão cada vez mais preocupados com este processo dos seus filhos” (Raquel Aparecida Pereira da Silva, Escola Estadual Primeiro de Junho, Assentamento 1º de Junho, Tumuritinga/MG, vice-

diretora e educadora no Projeto de Vida na EJA).

Esta problemática apresentada pelos egressos da Licença tem relação com as questões abordadas pela pesquisa *Trabalho Docente em Tempos de Pandemia*, realizada pelo Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (Gestrado/UFMG) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. Neste estudo, os docentes relataram que na pandemia aumentaram a carga horária de trabalho e o envolvimento dos alunos diminuiu. A principal dificuldade dos estudantes é a falta de acesso à internet e computadores, seguida pela dificuldade das famílias em apoiar os estudantes, a falta de motivação dos alunos e o desconhecimento em usar recursos tecnológicos.

“A gente compreende muito bem de que estes processos por vezes tendem a reforçar as desigualdades sociais e a gente do campo sabe muito bem o que é isto. Inclusive a Educação do Campo surge a partir desta denúncia, de uma série de lutas e reivindicações contra este descaso que os povos do campo têm sofrido na luta por uma educação própria, apropriada, de quali-

dade. Temos percebido os desafios deste período agora. Será que estas atividades pedagógicas estão sendo de fato aproveitadas pelos educandos? Será que preocupados com a saúde e com tantas outras coisas, será que a gente consegue ter um espaço, uma questão adequada para a aprendizagem? São coisas que a gente reflete muito neste período. E outras sobre a nossa própria proposta do campo. Como desempenhar aí, a partir dos objetivos que a gente tem, trabalhando com temas geradores, tendo o plano de estudo como método guia, a própria alternância educativa como trabalhar com isto tudo nestas atividades não presenciais? É um dos grandes desafios aí também. O que mais preocupa é de saber o quanto isto realmente está sendo aproveitado, ou será que estamos fazendo algo apenas por que o sistema quer? E esta é uma das grandes preocupações”. (Neruzza Mariana Motta de Souza, Escola Municipal Zumbi dos Palmares, docente das disciplinas Agricultura e Zootecnia e contribui na coordenação da escola pelo Setor Agropecuária).

Desde do início da pandemia, os educadores têm trabalhado exaustivamente no: a) planejamento, elaboração e

